



SKYE MCKENNA

A BRUXA  
das PEDRAS



FARO  
EDITORIAL

**SKYE MCKENNA**

**A BRUXA  
das  
PEDRAS**

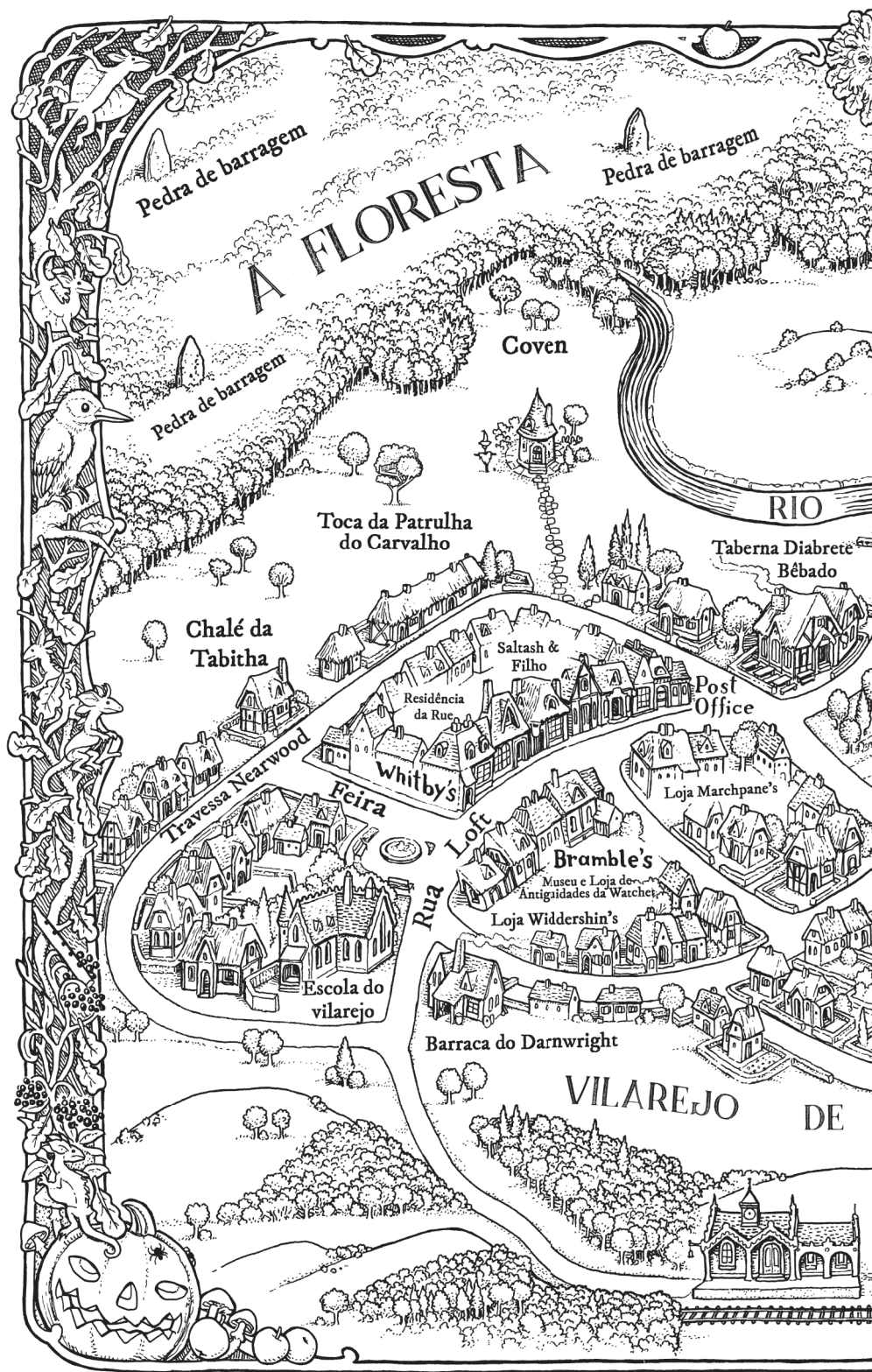
TRADUÇÃO  
Sandra Martha Dolinsky

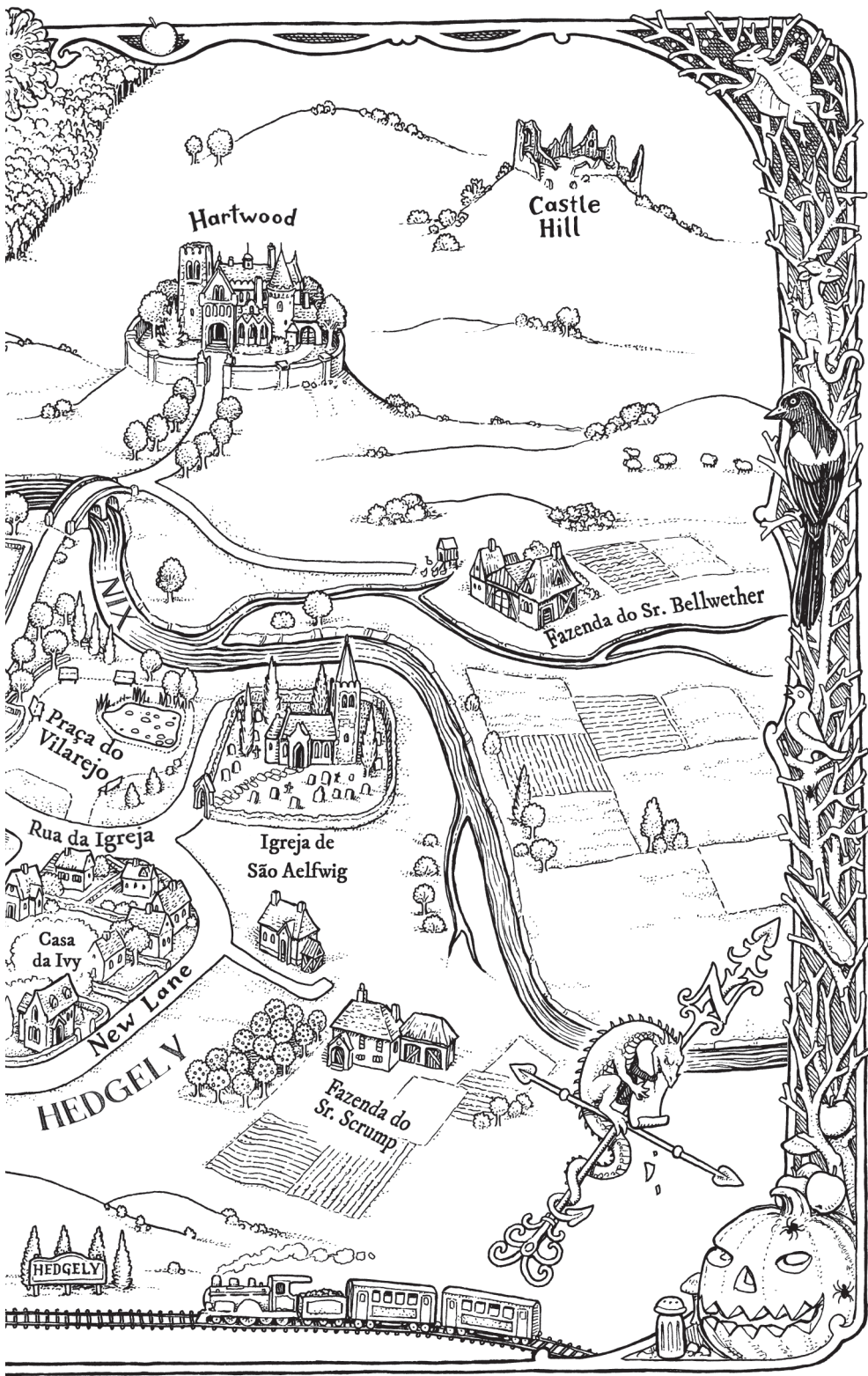
*Ilustrado por Tomislav Tomic*

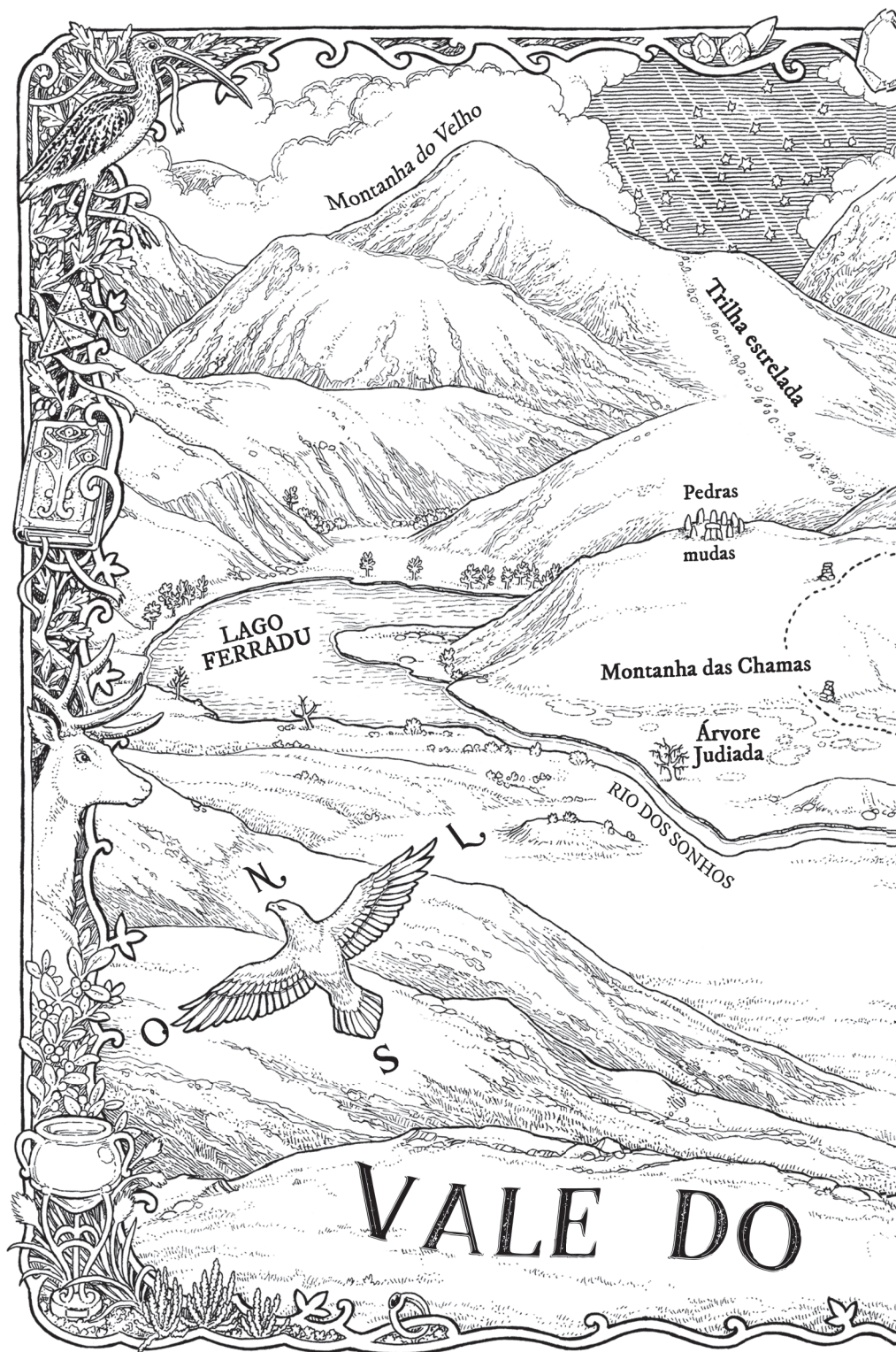


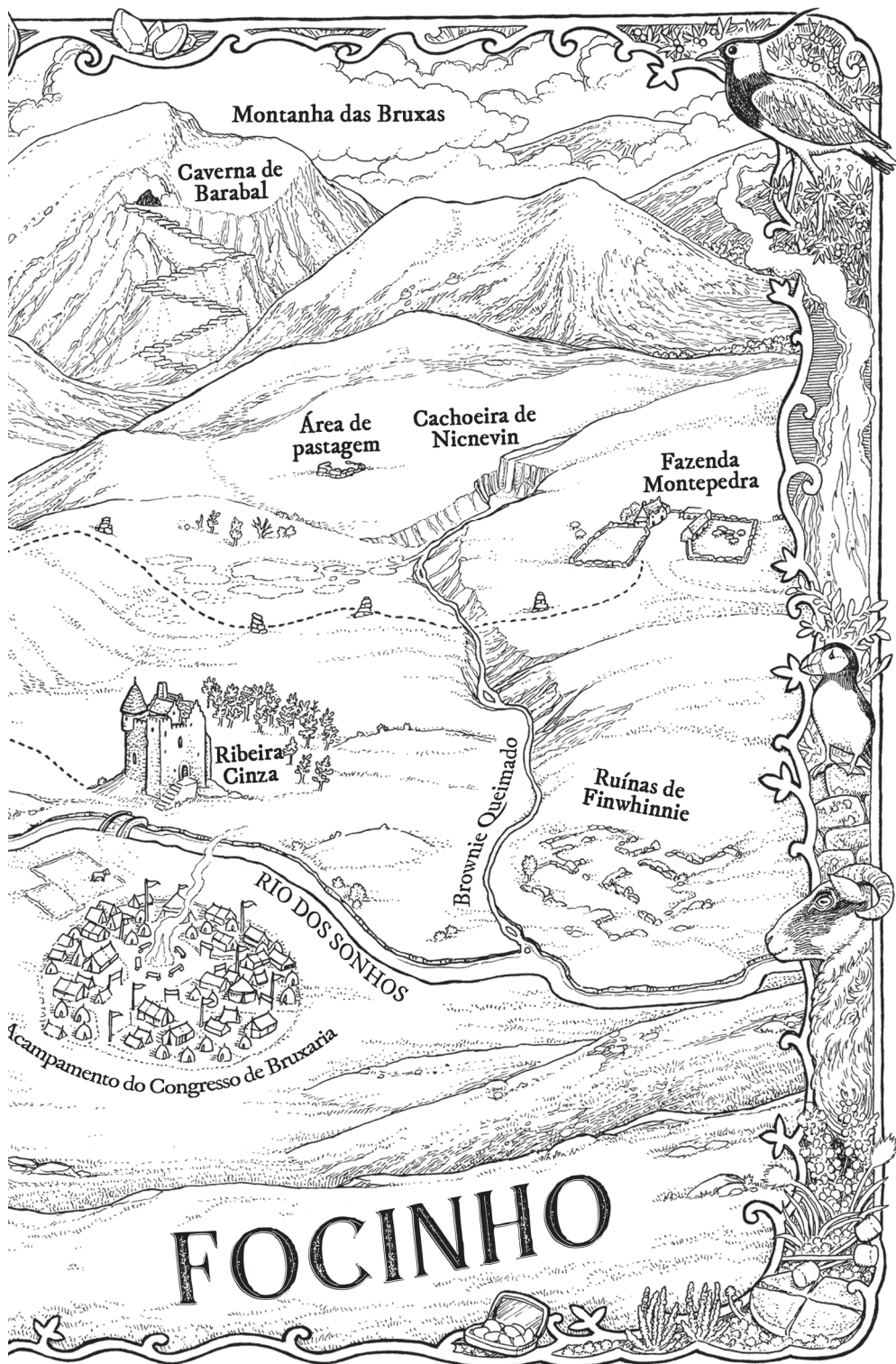


*Para Neil, minha  
estrela guia em cada  
etapa do processo.*









Montanha das Bruxas

Caverna de  
Barabal

Área de  
pastagem

Cachoeira de  
Nicnevin

Fazenda  
Montepedra

Ribeira  
Cinza

Ruínas de  
Finwhinnie

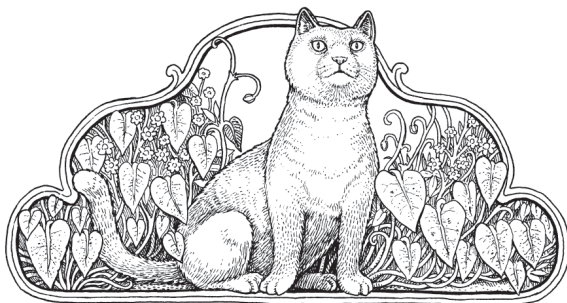
Brownie Queimado

RIO DOS SONHOS

Acampamento do Congresso de Bruxaria

FOCINHO





## *Capítulo 1*

---

# Um favor para o inimigo

Cassandra Morgan estava tentando escrever um feitiço. Sentada no banco do roseiral, estava cercada de pilhas de livros antigos retirados da biblioteca de Hartwood Hall, mas nenhum a estava ajudando. Seu grimório — livro de feitiços pessoais — estava aberto no seu colo, cheio de páginas cobertas por rabiscos desordenados de suas tentativas frustradas. Ela havia arrancado e amassado várias páginas, que estavam espalhadas pelo chão ao seu redor.

— Não adianta, Montéquio — disse ela, riscando com raiva sua última tentativa. — Nunca vou conseguir criar nada bom o bastante para ganhar meu broche de Excelência.

Cassie era uma bruxa Árvore Nova, segundo nível de treinamento no seu *coven*. Para ganhar o broche de Excelência, tinha que criar um feitiço, utensílio ou poção original, algo que nenhuma bruxa houvesse pensado antes. E, além disso, o feitiço tinha que funcionar.

— Você já escreveu feitiços — disse o gato cinza, esparramado ao sol ao lado dela. — Já fez invocações e até um glamour. Essa tarefa não está além da sua capacidade.

Cassie franziu a testa.

— Mas esses eram feitiços específicos, restritos a circunstâncias particulares. Preciso inventar um feitiço geral, que seja útil para as bruxas em todo tipo de situação. — Ela pegou um dos livros de feitiços com capa de couro e o abriu numa página aleatória. — O problema é que todas as ideias que eu tenho já foram usadas. Tem feitiços para tudo quanto é coisa... veja, tem um aqui para não deixar os ovos cozidos passarem do ponto, e outro para limpar tapetes! — Ela fechou o livro com força.

— Por que não formula uma poção nova? — sugeriu o gato, batendo preguiçosamente numa bola de papel com a pata.

Cassie suspirou.

— Mas isso dá mais trabalho ainda! Eu teria que pesquisar todos os ingredientes e provavelmente metade deles seria impossível de encontrar e...

— Eu me lembro da época em que você estava bastante determinada a concluir sua formação no *coven* e disposta a fazer de tudo para isso — disse Montéquio.

Era verdade, mas isso fora até o verão anterior, quando estava desesperada para concluir sua formação. Ganhara um broche atrás do outro, até ficar com sua capa preta coberta deles. Assim que se tornara bruxa Novata, digna de usar um chapéu pontudo, ela imediatamente começara a se esforçar para conseguir o broche de Árvore Nova, que havia conquistado no ano anterior. Conquistar o broche de Excelência era o estágio final da sua formação e, depois disso, ao completar dezesseis anos, poderia solicitar sua licença de bruxa.

Quando Cassie tivesse sua licença, finalmente poderia cruzar a fronteira para a Terra das Fadas e resgatar sua mãe, Rose Morgan, a quem não via fazia nove longos anos. Esse fora seu principal objetivo durante toda sua formação, mas, no verão passado, tudo mudara. Cassie descobrira a terrível verdade: sua mãe era uma bruxa traidora. Rose trabalhava para o Rei Elfo e cometera atos terríveis em nome dele. Ela se arrependera dos seus atos e fugira dele, mas isso não mudava o fato de que quebrara seu Juramento de Bruxa e colocara em perigo as pessoas que Cassie amava, o resto da família e amigos.

Rose Morgan tinha muitos segredos. Cassie os estava desvendando aos poucos desde que fugira do internato e fora morar com sua tia Miranda, a Bruxa da Floresta, em Hedgely. Mas aquele segredo era diferente. Cassie não conseguia se livrar da sensação de que tudo em que acreditara, tudo pelo que lutara, era uma mentira. Que a imagem de sua mãe, que lhe dera motivação, esperança e convicção durante tantos anos, era só uma ilusão.

Cassie começara a questionar tudo que antes considerava certo. Inclusive aquele roseiral. Sua mãe havia plantado as rosas feéricas, que floresciam o ano todo, e esse jardim se tornara o santuário de Cassie. Mas ninguém mais em Hedgely cultivava flores feéricas. Cassie sabia que o Rei Elfo havia dado presentes à sua mãe; será que aquelas rosas eram um desses presentes?

Cassie olhou para a flor mais próxima com desconfiança, como se, por mais doce que fosse seu aroma, pudesse esconder algum veneno.

Cassie fechou seu grimório.

— E se tudo isso for só uma perda de tempo? Mesmo que eu me torne uma bruxa qualificada e consiga chegar à Terra das Fadas... e se minha mãe não quiser ser encontrada? E se ela não for a pessoa de que me lembro?

Montéquio ergueu a cabeça e olhou para ela com seus olhos dourados.

— Pela minha experiência, posso dizer que os humanos raramente são exatamente o que aparentam. Não são psicologicamente tão complexos quanto os gatos, claro, mas, geralmente, escondem mais coisas do que se vê à primeira vista. Você nunca saberá por que sua mãe fez as escolhas que fez se não lhe perguntar.

Cassie franziu a testa. Ah, se fosse tão simples...

— Ponha-me no chão imediatamente! Eu tenho um motivo legítimo para estar aqui! — gritou uma voz vagamente familiar.

Cassie se voltou e viu um estranho par de criaturas indo em sua direção. Uma das grandes gárgulas de pedra do telhado de Hartwood Hall, com asas, chifres e garras, subia a trilha com um duendezinho na boca, como uma cadela carregando um filhote. O duende magricela batia os punhos contra a face de pedra, inutilmente, e a gárgula parecia bastante satisfeita consigo mesma.

Ao chegar a Cassie, a gárgula tentou dizer algo com a boca cheia de duende, mas a garota não entendeu uma palavra. Já o duende ela entendia perfeitamente.

— É assim que vocês tratam os *hóspedes* e *conecidos*? — resmungou o duende. — Cheguei aqui em *pais* e de boa-fé, e fui atacado por essa fera cruel!

— Está tudo bem, Morpeth — disse Cassie à gárgula. — Eu conheço esse duende, pode soltá-lo.

— Morpeth pegou o duende cavando um buraco embaixo do muro do jardim — disse a gárgula, depois de libertar seu prisioneiro. — Duende disse a Morpeth que tinha que falar com Cassie, por isso Morpeth não comeu o duende. Mas duende não tem gosto bom, parece queijo mofado.

— Você fez bem, obrigada — disse Cassie.

A gárgula abriu um sorriso, revelando seus dentes de pedras pontudos. Morpeth era o brownie de Hartwood Hall, o feérico guardião da casa. Ele podia se apossar do corpo de qualquer objeto inanimado, mas gárgula era sua forma favorita.

O duende se levantou, sacudindo pedaços de argamassa de suas roupas. Fazia mais de um ano que Cassie não o via, e tinha uma vaga suspeita sobre o motivo do seu retorno.

— Você está ótimo, Burdock — disse Cassie. — Roupas novas?

— Era nova — retrucou o duende —, antes que essa peça de cimento me pegasse. Veja só o rasgo no meu colete de seda! Quero saber quem vai pagar o *estrago*.

— Você vai ter que roubar outra — disse Montéquio.

— Pois saiba que eu comprei essa roupa! — protestou Burdock. — Não estou mais no ramo dos furtos, arranjei um *emprego* mais lucrativo.

Cassie conhecera Burdock quando ele invadira seu quarto para roubar um precioso artefato feérico. Para libertá-lo, ela o fizera prometer que a ajudaria. Essa promessa lhe custara o emprego de ladrão a serviço do Rei Elfo. Ele já a ajudara duas vezes, fornecendo-lhe informações sobre outro tesouro perdido dos feéricos.

— E o que está fazendo agora? — perguntou ela.

O duende ergueu seu nariz pontudo.

— Tenho uma nova linha de *tarabalho*. Aquela conversa com você me mostrou que as *infermações* podem valer muito mais que bugigangas. Agora, estou no ramo das *infermações*!

— Então, você não é mais um ladrão, agora é um espião? — perguntou Cassie.

O duende se fez de indignado.

— Espião? Por acaso eu já denunciei você? Eu cumpro minha palavra, sim, e agora é hora de você cumprir a sua. Você me prometeu um *favor* em troca daquela dica sobre a lança, lembra? Pois eu vim cobrar!

Cassie sentiu seu coração se apertar. O duende havia dito a verdade, ela prometera um favor em troca da sua ajuda. Isso parecia ter acontecido fazia tanto tempo que ela quase esquecera.

— O que você quer? — perguntou ela.

— Não sou eu que quero, é o meu *cliente* — disse o duende. — *Infermação* sobre certo artefato, uma coisa mágica poderosa. Um galho prateado muito antigo, muito *valeioso*.

Montéquio sibilou.

— E quem é esse seu cliente?

O duende cruzou os braços.

— Isso é *compidencial*!

— Um galho prateado? — perguntou Cassie. — Acho que tem alguma coisa sobre isso no poema *Os andarilhos*.

Ela abriu seu grimório de novo e passou as páginas até onde havia copiado aquele poema enigmático. Cada verso descrevia um tesouro antigo, que, segundo se contava, havia sido levado para a Grã-Bretanha pelos primeiros colonizadores feéricos. Ela já havia encontrado três deles: a chave de ouro, a lança assassina e o cálice dos desejos.

— Aqui está, no penúltimo verso.

Cassie leu em voz alta:

*À frente de todos cavalgava o Abnegado.  
E no seu caminho a névoa verde surgiu,  
Como se com seu brilhante râmulo prateado,  
A terra de Alba reivindicasse com brio.*

— Râmulo é tipo um galho, eu acho. Será que é isso?

O duende franziu a testa.

— Pode ser, pode ser. E aí não diz nada sobre encontrar uma dessas coisas?

Cassie fechou o livro.

— Não. E achei que você tivesse dito que tinha parado de roubar.

— Parei mesmo! — disse o duende. — Mas esse pedacinho de poesia não vai satisfazer meu cliente. Ele quer saber mais.

— Acho que eu posso pesquisar — disse Cassie. — Vou dar uma olhada na biblioteca de Hartwood e na livraria Widdershin.

— Cassandra! Você não está pensando seriamente em ajudar essa criatura trapaceira, não é? — disse Montéquio. — Ele deve estar trabalhando para o Rei Elfo de novo. Você sabe que o rei está procurando os tesouros dos feéricos, e depois do que aconteceu na Cornualha...

Cassie estremeceu. Montéquio tinha razão; o Rei Elfo havia enganado Cassie e seus amigos para que encontrassem o cálice dos desejos, que tinha o poder de curar qualquer doença e até de prolongar a vida, e depois, manipulara Cassie para que o entregasse a ele. A perda daquela preciosa relíquia feérica ainda deixava Cassandra profundamente triste e a tornava cúmplice do Rei Elfo, apesar de ela ter agido contra sua vontade. Não podia correr o risco de cair em outra armadilha daquelas. Tudo

aquilo era muito parecido com o caminho que sua mãe havia trilhado quando se tornou uma bruxa traidora.

— Tem certeza de que não pode contar quem é seu cliente? — perguntou Cassie a Burdock. — Eu me disporia a ajudar, se você contasse.

O duende sacudiu a cabeça.

— Você me deve um *fávor*: qualquer coisa que eu queira. Não pode impor condições agora!

Cassie suspirou. Os duendes, como a maioria dos feéricos, dava grande importância a promessas e contratos, e adoravam distorcer as palavras em benefício próprio. Sua amiga Rue a havia alertado, na época, sobre concordar com um favor indefinido, mas eles precisavam da ajuda de Burdock para proteger o vilarejo.

— Tudo bem — disse Cassie. — Vou ver o que consigo descobrir sobre esse galho prateado.

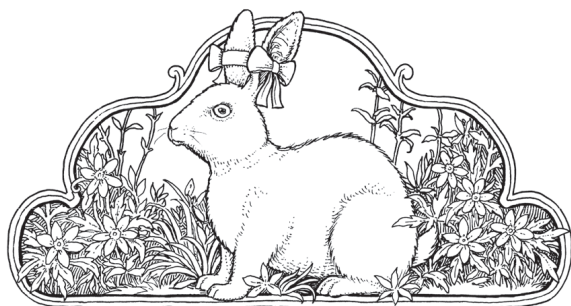
Burdock abriu um sorriso, mostrando duas fileiras de dentes amarelos e pontudos.

— Excelente! Eu sabia que você seria sensata. Convoque-me quando tiver a *infermação* e nosso acordo estará concluído.

Morpeth foi se aproximar de Burdock, mas antes que fosse alcançado, o duende correu para os portões de Hartwood.

— Você não pode nem pensar em entregar informações tão valiosas a um duende, independentemente do serviço que ele tenha prestado no passado — disse Montéquio. — Certas promessas são perigosas demais para serem cumpridas.

— Eu disse que iria ver o que consigo descobrir — disse Cassie, agora que o duende já não a podia ouvir —, não que iria compartilhar a informação com ele. Se o Rei Elfo estiver procurando outro tesouro dos feéricos, talvez Burdock tenha nos dado uma pista. E se ele estiver trabalhando para outra pessoa, pretendo descobrir quem. Só preciso de algo que valha o preço dessa informação.



## *Capítulo 2*

---

# Reunião de emergência

Cassie ajustou o peso da sua grande bolsa verde, tentando acompanhar sua tia. Era sábado à tarde e ela estava acompanhando a Bruxa da Floresta na ronda pelo vilarejo. Já haviam visitado meia dúzia de casas e ajudado a recuperar pertences roubados por diabretes, renovado os feitiços de proteção de portas e chaminés e distribuído poções para curar de tudo, desde resfriado até queda de cabelo causada por feéricos.

Essas tarefas compunham o dia a dia da Bruxa da Floresta. A outra parte do trabalho, mais perigosa, era patrulhar Hedge, a vasta floresta encantada que se erguia sobre a vilarejo no horizonte oeste. Hedge era um dos raros pontos de passagem entre a Grã-Bretanha e a Terra das Fadas, onde, em determinadas noites do ano, era possível tentar viajar entre os mundos. Por causa disso, a floresta era habitada por muitos seres estranhos e poderosos, e a Bruxa da Floresta era responsável por proteger o vilarejo de qualquer coisa perigosa que se aventurasse a sair de Hedge. Mas a coisa mais emocionante que encontraram naquela manhã foi um bicho-papão que ficara preso em um cano de esgoto.

— Ainda temos que cuidar do porco de Emley Moor. Ele está com um grave crescimento de verrugas. Além disso, tem uma infestação de

vermes de algas no lago dos patos. Acho que vamos ter que pedir uma rede emprestada — disse a Bruxa da Floresta, folheando sua caderneta

Cassie suspirou. Não que ela não gostasse de ajudar as pessoas, mas é que achava meio inútil limpar ninhos de grifos e curar unhas encravadas enquanto o Rei Elfo estava por aí causando problemas de verdade para as bruxas da Grã-Bretanha.

— Cassandra — disse a bruxa, franzindo a testa —, agora que você tem quinze anos e falta só um ano para tirar sua Licença de Bruxa, já é hora de adquirir experiência prática em magia do dia a dia.

— Eu sei, mas o Rei Elfo...

Sua tia a interrompeu.

— Parece que você acha que bruxaria se resume a resgatar pessoas das garras de monstros ancestrais ou procurar tesouros perdidos em ruínas de castelos feéricos. Lamento, a realidade é muito mais simples, mas não menos importante. Bruxas ajudam as pessoas; nós oferecemos cura, proteção e orientação. Problemas e preocupações cotidianas como esses são a essência da nossa profissão.

— Sim, tia Miranda — disse Cassie, ajeitando a bolsa numa posição mais confortável.

— A próxima da lista é a velha sra. Blight — disse a Bruxa da Floresta, dando um breve suspiro. — É melhor acabarmos logo com isso.

A cabana da sra. Blight ficava na quadra Beira da Mata. Do lado de fora, parecia uma casa de contos de fadas, com malvas, madressilvas e rosas-trepadeiras acima da porta vermelha. Mas ao observá-la mais atentamente, era evidente que a casa já havia visto dias melhores. O jardim estava coberto de mato, o portão quebrado e as janelas precisavam de pintura.

A Bruxa da Floresta foi bater à porta, mas, antes que pudesse fazê-lo, ela se abriu de repente, revelando um rosto em forma de coração, emoldurado por cachos negros.

— Eu vi você chegando — disse Tabitha Blight, com seu familiar, o coelho branco Wyn, nos braços. — Entre, por favor. Aceita um chá? Biscoitos? Ah, oi, Cassie! Deixe-me ajudar você com essa bolsa pesada.

Tabitha era uma das melhores amigas de Cassie e membro da Patrulha do Carvalho também. Enquanto ela as fazia entrar, Cassie percebeu que a amiga estava com olheiras profundas.

Entraram na sala de estar de teto baixo, onde havia poltronas de chita desbotada ao lado de uma lareira vazia e vasos de gerânios no parapeito da janela.

— Sua avó está acordada? — perguntou a Bruxa da Floresta.

— Sim — disse Tabitha —, mas ela está num daqueles dias ruins. Fiz todos os pratos favoritos dela: ameixa em calda, charutinho de repolho, até pudim de sagu, mas ela não quer comer nada.

— Vou subir para vê-la — disse a Bruxa da Floresta. — Cassandra, é melhor você ficar aqui embaixo com Tabitha. A sra. Blight não gosta muito de visitas.

A velha sra. Blight, como era conhecida no vilarejo, era um terror para as crianças de Hedgely. Quando Cassie a conhecera, a velha bruxa ficava andando de um lado para o outro pela rua Loft como se fosse dona dali. Era uma mulher de personalidade forte e temperamento difícil, que sempre dizia exatamente o que pensava, por mais desagradável que fosse e, às vezes, também era um tanto esnobe. Mas já fazia meses que a senhora Blight não saía de casa e Cassie sabia que Tabitha estava preocupada. Do andar de cima provinha uma tosse rouca e seca e o som de gente conversando baixinho.

— Já tentei de tudo que consegui pensar — disse Tabitha. — Tônico coração de leão, elixir revigorante, mas nada funciona. Não sei mais o que fazer.

— Não se preocupe — disse Cassie —, tenho certeza de que tia Miranda vai encontrar uma solução.

Tabitha assentiu, acariciando a pelagem macia de Wyn.

Procurando algo para se distrair, Cassie foi até um aparador cheio de porta-retratos. Havia um grande retrato do rei Robert, o monarca reinante, de uniforme militar, uma caneca e um prato de sua coroação. Cassie pegou um porta-retratos prateado com a foto de uma menina de vestido branco cheio de babados.

— É você, Tabitha? — perguntou.

— Não, é a princesa Matilda, a filha mais velha do rei Robert. Ela tem a mesma idade que nós — disse Tabitha, ajeitando a decoração. — Minha avó é muito dedicada à família real. Sabia que ela foi guardiã do rei durante a coroação? Só treze bruxas foram escolhidas. Ela já me contou essa história umas cem vezes. Acho que foi o dia de maior orgulho da vida dela.

— Sua avó foi guardiã? — perguntou Cassie.

Guardiãs eram bruxas especializadas em magia protetora, e algumas atuavam como detetives em casos de crimes relacionados ao mundo dos feéricos. Mas era difícil, para Cassie, imaginar a velha sra. Blight voando por aí numa vassoura com uma espada de prata na mão.



Tabitha confirmou e abriu uma gaveta do aparador, revelando diversas medalhas e broches reluzentes.

— Ela ainda guarda todas as insígnias antigas, veja. Ela recebeu a Estrela de Prata e o Sol do Esplendor por sua bravura. Acho que ela sente falta disso, e muitas bruxas com quem serviu já faleceram. É difícil, para ela, estar aposentada.

Cassie nunca pensara que sentiria pena da velha sra. Blight, mas parecia que ela havia tido uma vida mais interessante e ativa do que Cassie jamais imaginara.

Foram interrompidas pelo barulho de botas descendo os degraus de madeira.

Tabitha correu ao encontro da Bruxa da Floresta quando a viu entrar pela porta.

— Más notícias? — perguntou baixinho. — A dra. Culpeper não encontrou nada, mas pensei que talvez fosse uma doença mágica, ou uma maldição...

— Não há nada de errado com sua avó fisicamente, Tabitha — disse a Bruxa da Floresta. — Ela está bem, como qualquer mulher de oitenta anos.

— Mas e a tosse? — perguntou Tabitha. — Ela não consegue sair da cama!

— Millicent Blight tem essa tosse desde que tinha sua idade, isso nunca a impediu de fazer nada que queria. Desconfio que o verdadeiro problema não seja falta de saúde, e sim falta de força de vontade.

— Como assim? — perguntou Cassie. — Ela não quer melhorar?

A Bruxa da Floresta franziu a testa.

— Tabitha, você cuida muito bem da sua avó... bem até demais. Millicent se acostumou a ser servida e que façam tudo por ela.

— Mas ela tem tanta dificuldade para descer a escada! — disse Tabitha.

— Sei — disse a Bruxa da Floresta, erguendo uma sobrancelha. — Isso é só parte do problema. A questão maior é que ela não tem o que fazer para se ocupar. Quando as pessoas chegam a essa idade, não é só a boa saúde que as mantém ativas. Elas precisam de um propósito, ser necessárias, ter algo para fazer. Desde que se aposentou, as habilidades da sua avó não têm sido requisitadas.

— Mas o que posso fazer para ajudá-la, então? — perguntou Tabitha.

— Você é uma jovem bruxa muito engenhosa, tenho certeza de que encontrará uma solução — disse a Bruxa da Floresta, colocando o chapéu de volta na cabeça. — Enquanto isso, não se esqueça de viver sua própria vida.

Tabitha franziu a testa. Deveria estar aliviada por sua avó não ter nada grave, mas Cassie percebeu que aquele conselho só havia confundido e chateado sua amiga.

— Você vem, Cassandra? — perguntou a Bruxa da Floresta. — Ainda temos que dar um jeito naqueles vermes de algas.

— Já vou, tia Miranda! — Cassie se voltou para Tabitha. — Rue convocou uma reunião de emergência da patrulha, às quatro horas na Bramble. Vai poder ir?

— Vou tentar — disse Tabitha, mas nesse momento, ouviram um sininho tocar no andar de cima. — É minha avó. É melhor eu ver o que ela quer.



Quando Cassie chegou à casa de chá Bramble & Bloom, ainda tirando tufos de lentilha-d'água das mangas, estava mais do que pronta para uma xícara do chá de ervas de Selena Moor. A casa de chá, com suas chaleiras fumegantes e moradores do vilarejo fofocando, vivia cheia de aromas doces e de especiarias, e de porcelana tilintando. Encontrou Rue e Robin, com seus familiares, numa das mesas do fundo, dividindo uma fatia de bolo cor-de-rosa.

— Então, você já ganhou quatro distintivos, Rob... — disse Rue, dando uns farelos de bolo para seu sapo, Natter.

Robin fez as contas.

— Concluí Leitor de Runas, Mensageiro de Vassoura e Cultivador de Ervas. E acabei de ganhar o distintivo de Cozinheiro de Poção Branca também. Meu bálsamo de confrei fixou com um cheiro meio estranho; achei que Tabitha poderia me ajudar, mas ela anda muito ocupada com a avó. De qualquer maneira, a Bruxa da Floresta ficou satisfeita.

— Espere aí — disse Cassie, pegando um pedaço de bolo. — Eu não sabia que você estava trabalhando em quatro distintivos ao mesmo tempo. Você só precisa de três e, mesmo assim, não precisa ter pressa.

Robin era o membro mais recente da Patrulha do Carvalho. Havia entrado no grupo no verão anterior e já havia passado no teste de Novato. Além disso, ele era o único bruxo do *coven* e, pelo que sabiam, de toda a Grã-Bretanha.

Robin deu de ombros, acariciando a cabeça da sua familiar, a cachorrinha Tesni.

— Achei melhor fazer um teste a mais, só por precaução, caso fosse reprovado em algum. Quanto antes eu conseguir meu broche de Árvore Nova, mais rápido poderei alcançar vocês. Estou muito atrasado...

— Robin vai alcançar vocês! — disse Tesni. — Ele é quase tão rápido quanto eu.

Cassie lambeu o glacê de framboesa dos dedos. Robin havia sido aceito no *coven* de Hedgely, mas ainda havia muita gente que achava que meninos não deviam mexer com caldeirões e vassouras. Ela desconfiava que Robin estivesse acelerando o treinamento para provar que estavam errados.

— Não se preocupe — disse Rue, passando a mão pelos cabelos castanhos arrepiados. — No ritmo em que estou com meu projeto para o broche de Excelência, você terá bastante tempo para me alcançar. Minha mãe me proibiu de trabalhar nos Biscoitos de Sal de Bruxa Explosivos dentro de casa depois que quebrei a janela do sótão.

— Ela disse que você estava colocando vidas em risco — acrescentou Natter, no ombro de Rue. — Sem falar da mercadoria.

A família de Rue era dona da mercearia do vilarejo, que atendia às necessidades de todos os habitantes de Hedgely, e ela quase sempre trabalhava lá depois da escola, quando não estava entregando jornais em sua vassoura.

— Pelo menos você sabe o que está fazendo — disse Cassie. — Eu ainda não tenho a menor ideia do que fazer para o meu projeto. Toda vez que tenho uma ideia para um feitiço, procuro na biblioteca e descubro que já existe.

— O que Tabitha está fazendo para ganhar o broche dela? — perguntou Robin.

— Ah, uma poção ou outra — disse Rue, olhando para a porta. — Será que ela vem?

— Ela disse que tentaria — disse Cassie, franzindo a testa. — Para ser sincera, estou preocupada com Tabitha. Ela quase não sai de casa, só para ir à escola e ao *coven*. Fica trancada lá cuidando da avó, mas tia Miranda disse que ela não tem nada grave.

Rue franziu a testa.

— O problema de Tabitha é que ela é boazinha demais, e a velha sra. Blight se aproveita dela. Tabitha precisa é de umas férias de verdade, sem ficar correndo atrás daquela velha egoísta. Sebastian falou com você sobre as férias?

Elas haviam passado as férias anteriores com o primo de Cassie na Cornualha, e Rue estava louca para voltar.

Cassie sacudiu a cabeça.

— Sebastian vai para Londres ficar com tio Elliot. Aliás, por que você convocou esta reunião da patrulha? Seu diabrete disse que era importante.

— É importante mesmo — disse Rue. — Robin acabou de receber sua tarefa de Árvore Nova.

— Ah, muito bem, Robin! Qual é?

— Conversei com a Bruxa da Floresta ontem à noite depois do jantar — disse Robin. — Ela disse que eu preciso fazer amizade com uma bruxa de outro *coven* e lhe fazer um favor.

— Mas isso é fácil — disse Cassie. — Escreva para Mahreen, na Cornualha, e pergunte se ela precisa de alguma ajuda.

Robin sacudiu a cabeça.

— Não, tem que ser uma amiga nova, uma pessoa que eu não conheça.

— Ah... bom, isso é um pouco mais difícil. E um *coven* galês?

Robin crescera no País de Gales, perto da Assembleia das Bruxas em Caer Gwrachod, onde sua avó era uma arquibruxa.

— Você está se esquecendo de que eu tentei entrar no *coven* de Llanmedwyn e não me aceitaram — disse Robin. — Não posso falar com elas.

— Não se preocupe, tenho certeza de que logo vai surgir uma oportunidade — disse Rue. — A Bruxa da Floresta não te daria uma tarefa impossível. Que tipo de favor tem que ser?

Robin deu um biscoito para Tesni por baixo da mesa.

— Acho que pode ser qualquer coisa; essa não é a parte difícil. É fácil para vocês fazer amizade com outras bruxas, mas para mim é diferente. Lembra o que aconteceu quando entrei no *coven* de Hedgely? Ninguém queria saber de mim.

— Mas agora vai ser diferente — disse Rue. — Você já provou que é capaz de fazer tudo o que nós fazemos. Inclusive, até superou o medo de voar. Agora, você é craque na vassoura!

Cassie concordou. Elas tentaram tranquilizar Robin dizendo que, sem dúvida, ele faria muitas amigas quando encontrassem outro *coven*.

Cassie, em particular, pensava no seu próprio “favor” que havia prometido a Burdock. Ainda não havia contado aos outros sobre seu encontro no roseiral e as informações que o duende lhe pedira. Sabia que seus colegas de patrulha tentariam fazê-la mudar de ideia, e provavelmente tinham razão. Qualquer coisa que ela contasse a Burdock poderia chegar aos ouvidos do Rei Elfo com muita facilidade, mas a curiosidade havia sido mais forte. Cassie queria saber mais sobre os tesouros dos feéricos e por que alguém estava interessado naquele em particular. Mas sabia que se alguém descobrisse que ela estava ajudando um duende, seria difícil explicar. Por isso, manteve sua pesquisa em segredo, por enquanto.



### *Capítulo 3*

---

## O Congresso de Bruxaria

O jardim do salão do *coven* era uma sinfonia de zumbido e bater de asas de abelhas e borboletas, que se banquetevavam com o néctar de manjerona, chicória e lavanda. Era o início de julho e o jardim estava no auge da sua floração de verão. Dentro do edifício de pedra circular e telhado pontudo de ardósia, as jovens bruxas do 1º *Coven* de Hedgely estavam igualmente ocupadas. Reunidas em patrulhas, faziam garrafas de bruxa: enchiam potinhos de cerâmica com ervas protetoras e pergaminhos de feitiços. Desde que Hedgely havia sido alvo dos malignos servos feéricos do Rei Elfo, os habitantes de Hedgely estavam mais nervosos devido à proximidade com Hedge. As garrafas de bruxa tinham o propósito de tranquilizá-los. Podiam ser colocadas em qualquer lugar da casa para conceder uma aura de proteção e, igualmente importante, para lembrar ao bom povo de Hedgely que tinham a Bruxa da Floresta e seu *coven* de jovens bruxas competentes para protegê-lo.

No canto da Patrulha do Carvalho, Rue esmagava bagas de sorveira com um pilão enquanto Robin separava raízes secas em potes. Cassie desenhava runas feéricas em quadradinhos de papel com tintura de zimbro e Tabitha trançava um cordão vermelho para amarrar no gargalo das garrafas, mas

parecia distraída. Cassie já havia pedido a tesoura duas vezes, sem sucesso. Tabitha mal tocara no seu rocambole de geleia e só tomara um gole do suco de groselha, de modo que era óbvio que estava com a cabeça longe.

Cassie torcera para que as palavras da Bruxa da Floresta sobre a avó de Tabitha confortassem a amiga, mas suas olheiras só haviam ficado mais escuras e ela estava apática e com cara de cansada.

— Já terminaram com esse saco de casca de carvalho? — perguntou uma voz. — O da Patrulha dos Espinhos acabou.

Eles ergueram os olhos e viram Ivy Harrington acariciando seu familiar, o furão Kastor. Ela tinha um novo distintivo de Líder de Patrulha no seu manto de bruxa. Havia sido promovida porque Eliza Pepper fizera dezesseis anos e saíra do *coven*. A nova posição de Ivy a deixara ainda mais mandona e insuportável que o normal.

Tabitha entregou o saco de casca de árvore a Ivy sem levantar os olhos. Ivy, acostumada a provocar reações mais fortes à sua grosseria, ficou sondando.

— Como estão indo os projetos de Excelência de vocês? — perguntou, ignorando completamente Robin. — Eu quase terminei o meu. A Bruxa da Floresta disse que era uma ideia brilhante e que eu certamente passaria se conseguisse concretizá-la.

— Nós ainda estamos trabalhando no nosso — disse Cassie.

Como Ivy não ia embora, ela suspirou e perguntou:

— E qual é o seu projeto, Ivy?

— Meu projeto é um feitiço anti-invisibilidade! — disse Ivy, radiante.

— Um feitiço anti-invisibilidade? — repetiu Cassie, sem ter certeza de que havia ouvido direito.

— Exatamente — disse Ivy. — Só ladrões e malandros querem um feitiço de invisibilidade. Meu feitiço vai garantir que ninguém possa me enganar, por mais que tente.

— Não sei, não — disse Rue. — Nós temos muita prática nisso.

— Bom, com certeza é melhor do que qualquer coisa que façam com essa falta de imaginação de vocês. — Ela se voltou para Cassie e sorriu com desdém. — Você já decidiu? Ou está ocupada demais pensando em como ajudar o Rei Elfo?

Cassie apertou os dentes. Fora Ivy quem contara ao *coven* inteiro que a mãe de Cassie era uma bruxa traidora e culpava sua colega de *coven* pelo Rei Elfo estar de posse do cálice dos desejos. A líder da Patrulha dos Espinhos nunca perdia a oportunidade de insinuar que Cassie logo passaria para o lado do Rei Elfo.

— Ignore, Cass — disse Rue, enquanto Ivy retornava à sua patrulha.

— Não entendo por que ela continua assim, depois de tudo que você fez para ajudar a mãe dela — disse Robin.

Antes de o Rei Elfo tomar deles a taça dos desejos, eles a usaram para despertar a mãe de Ivy, Tamsin, que dormia um sono amaldiçoado havia oito anos. Contudo, apesar do grande serviço que prestaram à sua família, Ivy ainda os considerava rivais em suas ambições.

— Ivy tem inveja porque a Patrulha do Carvalho é sempre quem salva o dia — disse Rue. — Apesar de toda sua arrogância, ela nunca enfrentou um wyrm ou um monstro marinho.

— É mais do que isso — disse Tabitha, cortando o pedaço de linha que estava trançando. — Acho que Ivy queria ela mesma ter quebrado a maldição e salvado a mãe. Está com raiva por não ter conseguido encontrar a cura sozinha.

— E agora ela nos deve uma — disse Rue, sorrindo. — Aposto que isso dói bastante. Não deixe que ela te irrite, Cass. Ivy sempre foi uma chata ingrata.

Cassie sabia que não devia deixar que Ivy a afetasse, mas se preocupava com o que as outras garotas pensariam dela agora que sabiam a verdade sobre Rose. Acaso duvidavam de que Cassie fosse uma pessoa confiável? Acaso se perguntavam se ela também não estaria trabalhando secretamente com o Rei Elfo?

— Por hoje é só — disse a Bruxa da Floresta, elevando a voz para se fazer ouvir no meio da algazarra. — Guardem suas ervas e garrafas e formem um círculo ao redor do caldeirão, por favor. É hora da nossa canção de encerramento!

As jovens bruxas guardaram depressa seus pertences e correram para se dar as mãos em volta do grande caldeirão que ficava no centro do salão. Juntas, ergueram a voz no tradicional cântico de encerramento que entoavam ao final de cada reunião do *coven*:

*Quando terminam nossos trabalhos,  
Vamos embora sem pegar atalhos,  
Voamos velozes para casa voltar,  
Sob o luar brilhante a nos guiar.*

*Das florestas e das águas a ecoar,  
Gritam feéricos a nos chamar.*

*Mas não damos ouvidos ao seu canto;  
Seguimos em frente, ignorando o encanto.  
Em nossa vassoura, a cortar o vento,  
Ignorando-os a todo momento.*

A voz clara e cristalina de Ivy se destacava das demais, enquanto Robin cantava baixo e suavemente, para não chamar atenção. Cassie percebeu que Tabitha mal movia os lábios e ficava olhando para o relógio na parede.

*Mesmo que as sombras venham provocar,  
Tiramos coragem de quem sabe ajudar.  
Um coven unido vem nos apoiar,  
Até o fim do mundo, sem nos deixar.*

— Agora, antes de irem para casa, tenho uma notícia para lhes contar — disse a Bruxa da Floresta. — Imagino que causará certa agitação, por isso esperei até o final da reunião de hoje para informá-los.

Todos os olhares estavam voltados para a mestra do *coven*.

— Como alguns de vocês já devem saber, a cada cinco anos a Assembleia das Bruxas organiza um Congresso de Bruxaria, um encontro de todos os *covens* do Reino Unido. O objetivo desse evento é conhecer outras bruxas e testar suas habilidades em desafios e jogos.

Conversas animadas começaram a correr e a Bruxa da Floresta teve que erguer a voz para conseguir a atenção de todos de novo.

— O Congresso de Bruxaria deste ano acontecerá durante as férias de verão, nas duas últimas semanas de julho, e os participantes acamparão no Vale do Focinho, nas Terras Altas da Escócia.

— Escócia! — disse Rue, animada. — Eu nunca estive ao norte da fronteira!

— Quem quiser participar do Congresso de Bruxaria, precisa trazer uma autorização por escrito dos pais ou responsáveis semana que vem.

O murmúrio cresceu, foi virando um rugido de jovens bruxas falando com emoção sobre a grande notícia.

— O último Congresso de Bruxaria foi no ano anterior à minha entrada no *coven* — disse Rue. — Umas meninas mais velhas me contaram. Haverá mais de cem bruxas lá, da Escócia, Irlanda do Norte e País de Gales também! Poderemos participar dos Jogos do Congresso de Bruxaria. É nossa chance de provar do que somos capazes. A Patrulha do Carvalho pode fazer...

— O Congresso de Bruxaria é mais do que jogos — disse a Bruxa da Floresta. — É uma oportunidade para aprender com outras bruxas e conhecer novas formas de bruxaria. Haverá representantes de Wayland Yard e de Convall Abbey, que conduzirão atividades e provas, e na última noite, vocês poderão apresentar seus projetos de Excelência para uma banca de bruxas experientes.

Cassie mordeu o lábio; faltavam só quatro semanas para o fim de julho. O tempo estava se esgotando e ela não tinha uma ideia para seu projeto.

— Você irá conosco, Bruxa da Floresta? — perguntou Robin.

— Irei, sim. A ocasião é importante, exige a presença de todas as mestras de *coven*. Enquanto vocês estiverem participando dos jogos e atividades, nós discutiremos melhorias no sistema de treinamento, desenvolvimento de novos distintivos e coisas assim.

— Mas quem vai cuidar do povo de Hedgely? — perguntou Tabitha. A Bruxa da Floresta pousou a mão no ombro dela.

— Não se preocupe. A Assembleia providenciará uma substituta temporária, uma bruxa competente para ficar de olho nas coisas enquanto estivermos na Escócia.

Cassie se surpreendeu ao ouvir isso. A Bruxa da Floresta costumava evitar deixar Hedgely e só o fizera uma vez desde que Cassie morava lá. Sua tia devia considerar o Congresso de Bruxaria muito importante mesmo.

— Vai ser incrível! — disse Rue, enquanto a Bruxa da Floresta ia responder às perguntas da Patrulha das Cinzas. — Imaginem só, vamos explorar as Terras Altas e mostrar a todo mundo do que a Patrulha do Carvalho é capaz!

— E você poderá concluir sua tarefa de Árvore Nova, Robin — disse Cassie. — Haverá muitas bruxas novas para conhecer lá, sem dúvida alguma delas vai precisar de alguma ajuda.

Robin assentiu, mas não parecia muito entusiasmado com tal perspectiva.

— Tenho certeza de que todos vocês vão se divertir muito — disse Tabitha.

— Como assim? Você não vai com a gente? — perguntou Cassie.

— Não posso. Minha avó precisa de mim — disse Tabitha. — Se eu não estiver em Hedgely, ninguém vai cuidar dela.

— Você não pode estar falando sério! — disse Rue. — Se alguém precisa de férias, Tab, essa pessoa é você. Você está exausta de tanto cuidar dessa velha.

— Tenho certeza de que a sra. Briggs a ajudaria com prazer — disse Cassie. — Ela já passa por lá durante o dia, quando você está na escola.

— Mas e se acontecer alguma coisa? — perguntou Tabitha. — E se ela piorar? Preciso estar aqui caso...

— Nós também precisamos de você — disse Rue, apertando as mãos de Tabitha. — A Patrulha do Carvalho não está completa sem você. Com certeza haverá desafios de poções. E o seu projeto de Excelência? Você não quer ir?

Tabitha tirou as mãos das de Rue.

— Você não entende... não posso. — Seus olhos ficaram marejados e ela se afastou. — Desculpem, preciso ir.

Tabitha pegou sua vassoura e sua bolsa e saiu correndo, deixando as três no salão.

— Ela tem razão, eu não entendo — disse Rue, franzindo a testa. — A Bruxa da Floresta disse que a sra. Blight não tem nada grave e é óbvio que Tabitha está infeliz. O Congresso de Bruxaria é exatamente do que ela precisa: uma distração de toda essa preocupação com a avó.

— É esse justamente o problema — disse Cassie. — Se Tabitha for conosco, ela não vai conseguir parar de se preocupar com a avó. Acho que nada do que dissermos vai tranquilizá-la.

Rue sacudiu a cabeça.

— Bom, eu não vou desistir tão facilmente.